

# UMA DISCUSSÃO DAS FRESTAS ENTRE REALIDADE E ARTE

sobre “*Mi madre y yo*”

de Sònia Gómez (Espanha)

por Rodrigo dos Santos Monteiro

Em cena nos últimos dois dias de apresentações do 2º Festival Contemporâneo de Dança, na Galeria Olido, em São Paulo: Sònia Gómez e sua mãe, Rosa Vicente. E é, talvez, justamente por isso que o trabalho se chame *Mi madre y yo*. Partindo dali mesmo, do título, vemos que aquilo que se desenrolaria por toda a apresentação seria um interstício que se localiza entre a arte e a vida.

Como aqui a obra trabalha uma relação íntima entre arte e vida, ou seja, é uma artevida/vidaarte, faz-se necessário um aquecimento (um aquecimento-cena): com as vozes em off, ainda por trás da rotunda do teatro, Sònia explica, narrando, o aquecimento para cada parte do corpo, seu e de sua mãe. Depois, com roupas de baixo, as duas, agora no palco, dançam, pulam, giram, tudo ao som de uma música, daquelas típicas para se aquecer em academias (como Fannypack, Hey Mami)

Depois de aquecidas e cansadas, uma pausa: neste momento, onde Sònia e Rosa vestem-se e retomam o fôlego. A quebra de um contínuo que, até então, era alegre e energizante, funciona, pelo menos, para mais três coisas quase diferentes: comer os cookies feitos por Rosa, que são distribuídos à plateia; distanciar o efeito dramático do trabalho e mostrar que tudo não passa de uma apresentação; instaurar um momento onde a convivência do público tenha o foco, uma vez que foi dada a permissão de se falar.

De cara percebe-se bem que, em *Mi madre y yo*, as linguagens da dança, do teatro e da performance não demonstram limites claros. A mistura caracteriza bem o trabalho, a ponto de descaracterizar as categorias e colocá-las em um jogo de combinações. Outras combinações são feitas com a mesclagem de projeções de imagens, abstratas, de Sònia dançando, com músicas eletrônicas que são usadas no decorrer da apresentação. Uma leitura cabível, talvez, em uma das misturas mais pertinentes do trabalho, é o diálogo que há na figura de Rosa com Sònia: uma combinação trazida pela tradição da mãe com a energia de inovação da filha. Desta maneira, pode-se perceber, em *Mi madre y yo*, através da combinação de idades e valores diferentes de mãe e filha, aquilo que o teórico pós-colonial Homi Bhabha diz a respeito de cultura e tradição, tratando a primeira como construção e a segunda como invenção. Ou seja, a vontade de combinar um trabalho onde duas pessoas de uma mesma família, que possuem uma grande intimidade entre si, e trazer esta relação para um espetáculo de dança contemporânea, promove não apenas um conflito de valores, mas um diálogo que estabelece acordos em função da arte-vida.

As memórias pessoais são constantemente resgatadas e transformadas em material artístico. A entrevista que Sônia faz à Rosa mostra o potencial que tem um simples depoimento bibliográfico de se tornar cena. Aqui, mais uma vez, *Mi madre y yo* se mostra como um trabalho onde a intimidade da vida de uma família se coloca na publicidade (para o público) de um espetáculo, passando pelos depoimentos nostálgicos de Rosa e pelas danças em vídeo feitas por Sônia.

Talvez o momento mais acentuado da ambivalência da arte com a vida seja o do vídeo, que primeiro somente é comentado por Sônia, e depois, mostrado: o abate de uma galinha por Rosa. Uma proposta que mexe com a percepção e diferencia as representações de um mesmo ato: a que é feita com palavras faladas, da que é mostrada, de forma impactante, pela imagem visual. A provocação é ainda mais ressaltada, depois de exibido o vídeo, quando Sônia põe um penacho vermelho nas costas e corre e dança pelo palco. Neste ponto, após o choque para o olhar, no momento anterior, imagens, acompanhadas de inquietações, nos vêm: a do frango ou a do pano das touradas narradas por Rosa? *Mi madre y yo* – um jogo delicado com os sentidos (fisiológicos, semânticos, filosóficos, epistemológicos, etc) e com as sensações.

Um espetáculo presente para uma mãe e para uma filha, onde um presente, dado no final à Rosa, sela uma série de trocas entre as duas: de lembranças, de conversas sobre amor, de danças... Um trabalho que aproveita as informações íntimas da vida e as re-elabora em uma linguagem da arte. É uma indicação de que, nas artes contemporâneas, os assuntos tratados podem ser estruturados em um outro modo de fazer, sendo aqui, pautado nas confusões proporcionadas pela relação arte-vida da mãe e da filha. E é justamente este modo como *Mi madre y yo* é feito que impede que o espetáculo caia no domínio da catarse e plane sobre os territórios da reflexão.

São Paulo, novembro de 2009

*Rodrigo dos Santos Monteiro é bacharel em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC-SP*